

22010
PS

"A MORTE DE JOÃO PEROTTI"

Peça em II Ato

Autor: Sérgio Gregapani Marques

PERSONAGENS POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA:

- Dr. Mauro
 - Jaqueline
 - Dr. Orlando.
 - Tânia
 - Vilson
 - Marli
 - Jui.
 - Promotor
 - Comissário
 - Homen
- (Incluindo as duas vozes no Prólogo)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ATENÇÃO
A PROGRAMAÇÃO DO ES-
PETÁCULO A QUE SE RE-
FERE ESTE TEXTO ESTÁ
SUJEITA A APROVAÇÃO
PRÉVIA DO SUP. SR. DPF

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MORTE DE JOÃO PEROTTI"

P R Ó L O G O

DUAS VOZES MASCULINAS CONVERSANDO, APARECEM SOMENTE AS
SOMBRA.

1ª VOZ: Você não pode falar isto João, eu não permiti-
ria.

2ª VOZ: Eu já disse a você que não posso continuar cola-
borando com esse negócio sujo. Não importa o que vai /
acontecer-me, mas eu vou contar tudo à Polícia.

1ª VOZ: Não seja lúcido João, eles são capazes de aca-
bar com sua vida.

2ª VOZ: Você sabe muito bem o que eu penso. Não me in-
teressa o que pode acontecer comigo, eu já fui longe /
demais nesse negócio. Antes eu era só mensageiro, ago-
ra eles estão querendo que eu participe também na en-
trega. Se eu for agora na Polícia vou ganhar uma pena/
leve, mas se eles me pagarem depois, posso pegar quin-
ze anos, e a perspectiva não me é muito boa.

1ª VOZ: Por favor João, pense na sua mulher, se eles /
o matarem como é que ela vai ficar ?

2ª VOZ: Minha mulher, minha mulher. Eu não tenho mu- /
(IRRITADO) lher. Aquilo que tenho em casa só sabe reclamar, me /
enche o saco o tempo todo. E você tem coragem de cha-
mar aquele troço de mulher? Que dane-se!

1ª VOZ: É uma pena, mas se você quer assim eu não me /
meto mais.

2ª VOZ: Você me faria um grande favor se não tentasse /
me impedir, pois já tomei uma decisão e nada farei com-
que eu mude de ideia.

A PRIMEIRA VOZ DESAPARECE E A SOMBRA DA SEGUNDA AINDA/
FICA EM CENA ATÉ QUÊ APARECEM AS LUZES.

FIM DO PRÓLOGO

Segue fla.2



"A MORTE DE JOÃO PEROTTI"

APOI - JANA 1

MAURO ESTÁ SENTADO ATRÁS DE SUA ESCRIVANINHA, OBSERVANDO ALGUNS PAPÉIS QUANDO ENTRA JAQUELINE.

JAQUELINE: Doutor Mauro, está aí fora uma senhora muito nervosa que deseja falar com o Senhor.

MAURO: Está bem. Mande-a entrar.

JAQUELINE SAI E LOGO DEPOIS ENTRA TÂNIA COM UMA EXPRESSÃO DESESPERADA NO ROSTO.

TÂNIA: Doutor, eu acho que cometi um crime.

MAURO: O que a senhora está falando? Acha que cometeu/ um crime? Que crime minha senhora?

TÂNIA: Não tenho certeza Doutor. Mas acho que matei / meu marido.

MAURO FICA ESPANTADO ANTE TAL REVELAÇÃO.

MAURO: Por favor, sente-se e conte-me direitinho o que aconteceu.

TÂNIA: Então eu terei que lhe contar quase toda a minha história.

Tudo começou no dia 25 de maio, quando numa pequena Igreja no subúrbio, duas pessoas casavam-se, pareciam muito felizes e nenhum dos dois podia imaginar o que aconteceria depois, eramos eu e meu marido.

Depois de alguns dias de casaca fiquei conhecendo realmente meu marido. Ele bebia muito e batia-me constantemente. Eu estava arcando com todas as despesas da casa e aquela situação abalou-me os nervos de tal forma que tive de ser internada por dois meses numa clínica para doenças mentais. A partir daí comecei a ter ataques constantes que me deixavam completamente fora de mim e, quando passavam as crises de cada vez lembrava.

O tempo foi passando e eu não apresentava melhoras, as crises agora eram mais constantes, meu marido não me dava mais bola e começou a sair com outras mulheres, me deixando em casa na completa desolação.

Na noite de ontem eu estava preparando um prato para jantar quando meu marido chegou em casa. Começou a discutir, pois ele queria dinheiro para beber no bar. Eu, como era de se esperar, disse-lhe que não havia dinheiro e ele começou a bater-me. Não /



fla.3

"A MORTE DE JOÃO PEROTTI"
ATO I - CENA 1 (Cont.)

TANIA: ... sei o que aconteceu, mas quando dei por mim estava deitada ao lado do corpo de João, a primeira / coisa que me veio à cabeça foi que o havia assassinado, fiquei completamente desorientada e tentei suicidar-me, mas a idéia foi logo posta de lado por covardia. Resolvi então procurar um advogado, e aqui estou.

MAURO: A história que a Senhora me conta é muito comovente, e eu estou disposto a ajudá-la. Agora diga-me uma coisa. A Senhora tem certeza de que matou / seu marido?

TANIA COMEÇA A PENSAR E LOGO SE PÕE AOS PRANTOS.

TANIA: Não sei Doutor, realmente não consigo lembrar-me, não sei, não sei...

MAURO: Por favor acalme-se, prometo-lhe que tudo será resolvida da melhor maneira possível.

TANIA: Desculpe-me Doutor, mas eu estou muito nervosa.

MAURO: Eu compreendo. Mas nós teremos que entregá-la à Polícia. Vamos fazer o seguinte: vá para casa enquanto eu mando Jacqueline telefonar à Polícia, fazendo uma denúncia anônima. Certo?

TANIA: Está bem Doutor. Eu confio no senhor.

MAURO: Assim é melhor- Qual é seu nome? E de seu marido?

TANIA: Tânia Oliveira Perotti e João Perotti.

MAURO: Por favor. Em hipótese nenhuma a Senhora diga / aos Policiais que esteve aqui e alegue inocência acima de tudo.

TANIA: Está certo Doutor. Tenho plena certeza de que o senhor vai me ajudar. Adeus.

MAURO: Adeus Senhora Perotti.

ASSIM QUE TÂNIA SAI MAURO CHAMA JAQUELINE, ESTA VEM LOGO DISSENDO:

JAQUELINE: Creio que el., não matou o marido.

MAURO: Você nem! Não perde a sania de ouvir atrás das portas.

segue fla.4



"A MORTE DE JOÃO PEROTI"
ATO I - CENA 1 (Cont.)

- JAQUELINE: Ora Doutor. A gente faz o que pode. Mas o senhor mandou chamar-me. Alé da denúncia o que mais / devo fazer?
- MAURO: Antes de tudo, a denúncia. Depois você trate de investigar sobre o médico que tratou dela, se possível traga-o até aqui. Depois descubra o caráter de João Peroti.
- JAQUELINE JAIU E DEIXOU MAURO PENSATIVO. APAGA-SE A LUZ.
- NARRADOR: Passam-se cinco dias.
- JAQUELINE ENTRA NA SALA, ATRÁS DELA ORLANDO.
- JAQUELINE: Doutor Mauro. Este é o Doutor Orlando, o psiquiatra que tratou da Senhora Peroti.
- MAURO APERTA AMÃO DO DOUTOR E LHE PEDE QUE SENTE-SE.
- MAURO: Antes de falar com o Senhor Orlando Psiquiatra, gostaria de falar com o Doutor Orlando Homem.
- ORLANDO: Claro. Estou a seu inteiro dispor.
- MAURO: Muito bem Doutor, creio que já nos entendemos. Qual era a sua relação com a Senhora Peroti?
- ORLANDO: Bem Doutor Mauro. O Senhor me pegou desprevenido para esta pergunta e...
- MAURO: Por favor Doutor Orlando, vamos ser francos um com o outro. Pelas investigações de minha secretaria, descobri que o Senhor a visitava constantemente. O que desejo saber é se essas visitas eram meramente profissionais ou tinham outro motivo?
- ORLANDO: Bem...da parte dela isto não passava de simples consultas. Mas para mim, cada vez que ia vê-la era por amor. Doutor! Eu amo Tânia.
- MAURO: Assim é melhor Doutor. E sobre João, Peroti. O que o Senhor achava dele?
- ORLANDO: Não passava de um crápula. Vivia explorando Tânia. Não ligava para ela e além de tudo isto maltratava-a muito.
- MAURO: Em outras palavras, o Senhor odiava João Peroti.
- ORLANDO: Sim. Mas não a ponto de matá-lo, se é o que o Senhor está pensando?



"A MORTE DE JOÃO PEROTI"
ATO I - CENA 2 (Cont.)

- MAURO: Ora meu caro Doutor. Como poderia eu afirmar / uma coisa destas. Mas para mim todos são suspeitos, inclusive o Senhor e a própria Senhora Peroti.
- ORLANDO: Compreendo. O Senhor não quer cometer erros, como absolvendo a Senhora Peroti. Quer ter certeza de que ela não matou o marido.
- MAURO: Exatamente Doutor, exatamente. Agora que já falei com Orlando Homem, gostaria de falar com o Psi - quiatra.
- ORLANDO: Pois não.
- MAURO: Qual é a doença que a Senhora Peroti tem?
- ORLANDO: Bem, ela tem um caso de amnésia temporária, geralmente quando seus nervos se abalam. É um caso muito raro Doutor.
- MAURO: Qual é a possibilidade de ela cometer um crime durante uma dessas crises?
- ORLANDO: De uma em cem. Porque quando ela passa por uma crise, ela fica fora de si numa média de trinta segundos e logo depois entra em sono profundo.
- MAURO: Creio que estou entendendo. (AGORA PARA JAQUELINE) Jaqueline, traga-me o Laudo de Autópsia de João Peroti.
- JAQUELINE JAI E LOGO VOLTA COM O LAUDO.
- JAQUELINE: Aqui está Doutor.
- MAURO: Aqui consta que a vítima apressa trinta e cinco ferimentos de faca pelo corpo todo.
- ORLANDO: Estas trinta e cinco golpes, mais o tempo de uma luta corporal, daria entre quarenta e cinco ou cinquenta segundos.
- MAURO: Se ela realmente assassinou o marido então ela / não estava passando por uma das crises.
- ORLANDO: Sim. Concorde plenamente com o Senhor.
- MAURO: Muito bem Doutor. O Senhor pode ir agora. Nos veremos no Tribunal.
- ORLANDO: Certo. Até o Julgamento então.



"A MORTE DE JOÃO PEROTI"
ATO I - CENA 2 (Cont.)

ORLANDO SAI, JAQUELINE O ACOMPANHA ATÉ APOERTA E VOLTA.

JAQUELINE: O que o Senhor achou doutor Mauro?

MAURO: Não sei. Ele pode estar falando a verdade. Nesse caso a culpa recai sobre a Senhora Peroti, e qualquer Tribunal riria de mim por apresentar uma testemunha/ como esta.

JAQUELINE: Sim. O caso da Senhora Peroti não está nada bom.

NESTE MOMENTO OUVEM-SE O TILINTAR DE UMA CAMPANHA NA OUTRA SALA E JAQUELINE SAI, VOLTANDO LOGO APÓS.

JAQUELINE: Doutor, estão aí fora duas pessoas que dizem / ter visto o crime. Dizem também que foram mandadas / pelo Comissário.

MAURO: Essa não! Está bem, mande-os entrar.

JAQUELINE VAI CHAMÁ-LOS, ENFRAEM NA SALA VILSON E MARLI.

MAURO: Por favor, sentem-se. Minha Secretária disse / que vocês viram o crime. Isto é verdade?

VILSON: Certamente Doutor, eu e a Marli estávamos pas- sando quando ouvimos gritos de mulher e logo depois / divisamos o vulto da Senhora Peroti pela janela, com uma faca na mão, depois o vulto de um homem que tentou tirar a faca de sua mão, mas ela o acertou em / cheio.

MAURO: O Senhor pode precisar quantos golpes a Senhora Peroti acertou em seu marido?

VILSON: Não Doutor, a única coisa que sei é que foram / muitos.

MARLI: Sim. É verdade Doutor, ela parecia que estava / louca. Aquela noite não consegui dormir.

MAURO: Creio que vocês foram direto à Polícia.

VILSON: Não, nós só fomos depois que lemos o jornal, / porque...

MARLI: Porque há alguns anos Vilson teve complicações / com a Polícia e nós tivemos medo.



"A MORTE DE JOÃO PEROTI"
ATO I - CENA 2(Cont.)

MAURO: Está bem. Eu compreendo... Mas vocês têm certeza de que estão dizendo? Lembre-se de que trata-se / de um assassinato.

MARLI: Claro Doutor. Nós temos absoluta certeza de que foi a Senhora Peroti que vimos naquela noite.

MAURO: Está bem, podem ir agora. Qualquer coisa mandarei chamá-los.

VILSON E MARLI DESPEDEM-SE E SAEM.

MAURO: Se a senhor Peroti é inocente, então uma das - das três pessoas que aqui estiveram está mentindo.

JAQUELINE: Mas Doutor. Que motivos eles teriam para mentir?

MAURO: O Doutor Orlando tinha muitos motivos, um dos / quais a própria Senhora Peroti. Quanto aos outros dois não sei. Mas alguma coisa está errada no que eles dig- serem.

Jaqueline, veja se já está pronto o resultado / das impressões digitais que foram encontradas na arma do crime.

JAQUELINE VAI ATÉ O TELEFONE E CHAMA O COMISSÁRIO, PERGUNTA SOBRE AS IMPRESSÕES, OLHA PARA MAURO E DESLIGA / O TELEFONE LENTAMENTE.

MAURO: Bem. Qual é o resultado?

JAQUELINE: As impressões encontradas na faca são da Senhora Peroti.

MAURO: É uma pena Jaqueline, mas nessa causa está prático- camente perdida.

JAQUELINE ASSENTE COM A CABEÇA.

Fim do Ato I

segue fla.8



fla. 8

"A MORTE DE JOÃO PEROTI"
ATO II - CENA ÚNICA

NARRADOR: Passaram-se dois meses. Estamos agora no Tribunal do Júri.

QUANDO O JUIZ DE DIREITO ENTRA, TODOS LEVANTAM-SE.

JUIZ: Este Tribunal se reuniu, para julgar o assassinato de João Peroti, tendo como acusada a Senhora / Tânia Oliveira Peroti, esposa da vítima. O Promotor / pode começar.

PROMOTOR:

Meretíssimo, Senhores Membros do Júri (Olha para a platéia), estamos, a partir deste momento, querendo julgar e justificar a morte de um de nossos cidadãos, que foi trucidado, chacinado, assassinado com trinta e cinco golpes de faca por todo o corpo. Este homem, sofreu as consequências da alucinante loucura de sua esposa, se é que se pode chamar de esposa uma mulher que assassinou o próprio companheiro.

MAURO: Protesto Meretíssimo. O nobre colega da Promotória está tratando a Ré, como assassina, já que o mesmo ainda não foi provado.

JUIZ: Protesto Concedido.

PROMOTOR: Era só, senhor Juiz, o resto vem com as provas / agora concedo a palavra ao nobre colega da Defesa.

JUIZ: A Defesa queira se pronunciar por favor.

MAURO: Senhores membros do Júri, Meretíssimo, o que / falou o colega da Acusação, é contestado por mim agora. Pois o "pobre homem" de que ele falou, não passava de um espancador de mulheres. Pesquisando sobre / sua vida descobri que o senhor João Peroti, mantinha relações sexuais com mulheres pagas, e após o ato em vez de pagá-las, que seria o correto, ele as espancava, sempre saindo imune. Se ele fazia isto com mulheres pagas, o que não deveria fazer com sua pobre esposa, ele batia na pobre mulher, todos os dias, o / que levou-a a fazer um tratamento psiquiátrico numa / clínica para doentes mentais.

PROMOTOR: Protesto Meretíssimo. Estamos aqui para julgar / sobre o caráter da esposa da vítima e não da própria vítima.

JUIZ: Indeferido.

segue fla. 9

"A MORTE DE JOÃO PEROTTI"
ATO II - JENA ÚNICA

- MAURO: (Para o Promotor). Meu caro colega, estou tentando demonstrar o clima de tensão que vivia esta mulher e não analisar o caráter da vítima.
Como estava dissenção, esta pobre mulher vivia / num clima de grande tensão emocional, sempre temerosa das surras que levava de seu marido.
Por isso senhores membros do Júri, reflitam sobre isto, reflitam muito antes de tomar uma decisão / apressada.
- JUIZ: (Curto espaço de tempo depois). A Promotoria tem alguma testemunha a apresentar?
- PROMOTOR: Sim, senhã Juiz. Quero chamar para depor a Senhora Marli Fabreti.
- MARLI ENTRA NA SALA E DIRIGE-SE AO BANCO DAS TESTEMUNHAS.
- JUIZ: Levante a mão direita. Jura dizer a verdade, nada mais que a verdade, sobre tudo que lhe for perguntado sobre pena de perjúrio?
- MARLI: Juro.
- PROMOTOR: A Senhora poderia dizer-me o que aconteceu na / noite de 5 de novembro último, às 21 horas?
- MARLI: Bem, eu vinha voltando para casa com meu marido / quando passamos em frente à casa de Da. Tânia, ouvi - mos gritos de mulher e divisamos em vulto na janela, a Senhora Perotti estava com uma faca na mão, logo depois apareceu outro vulto, agora de um homem, ele tentou tirar-lhe a faca da mão e ela reagiu, desferindo-lhe golpes certeiros. Oh! Foi horrível. Quando me lembro... (Marli começa a chorar).
- PROMOTOR: Por favor. Acalme-se Da. Marli, tenho mais algumas perguntas a fazer. O que vocês viram após isso?
- MARLI: Nós vimos a Da. Tânia sair correndo com uma faca na mão.
- PROMOTOR: E depois disso, o que fizeram?
- MARLI: Bem, nós fomos para casa. Wilson teve medo de ir formar a Polícia, pois teve complicações com ela há / alguns anos.
- PROMOTOR: Mas no outro dia vocês estiveram na Polícia?



fla.10

"A MORTE DE JOÃO PEROTI"

ATO II - CESSA ÚNICA (Cont.)

- MARLI: Sim. Convenci Vilson de que devíamos ir, já que/ um crime havia sido cometido, e nós eramos as únicas/ testemunhas.
- PROMOTOR: Obrigado Da. Marli. (Agora para o Juiz). A Acusa- ção dispensa a testemunha.
- JUIZ: A Defesa pode se pronunciar.
- MAURO: Diga-me uma coisa Da. Marli, estava escuro naquê la noite, conforme dados colhidos, como a Senhora po- de reconhecer a Senhora Peroti?
- MARLI: Bem...eu...foi por causa dâ...Não, não foi. Ah!/ Havia uma luz acesa e eu pude distingui-la perfeita - mente.
- MAURO: A Senhora pode afirmar o que di?
- MARLI: Claro, com absoluta certeza.
- MAURO: Outra coisa Da, Marli. A Senhora disse que viu / Da. Tênia correr para rua com a faca na mão. Tem cer- teza disto?
- MARLI: Sim. Eu vi a faca na mão dela.
- MAURO: Obrigado. A Senhora está dispensada. (Agora para o Juiz). Juiz, peço permissão para chamar para depor o Doutor Orlando Garcia Marques.
- JUIZ: Permissão concedida.
- ORLANDO ENTRA LASSALA E SENTTA-SE NO MESMO LUGAR DE MAR LI. O JUIZ EMPESA O JURAMENTO.
- MAURO: Doutor Orlando, quais eram geralmente as condi - ções físicas da Senhora Peroti quando a procurava?
- ORLANDO: Bem, sempre que me procurava, a Senhora Peroti / apresentava equimoses: pela face e pelos braços, além/ de seu estado mental estar seriamente abalado.
- MAURO: Quando o Senhor lhe perguntava qual a razão de / tais equimoses o que ela lhe respondia?
- ORLANDO: Bem, ela dizia que seu marido havia batido nela.
- MAURO: Pelo que vejo el: era muito franca com o senhêr.
- ORLANDO: Sim. Muito franca.

segue fla.11



"A MORTE DE JOÃO PEROTI"
ATO II - CENA ÚNICA(Cont.)

MAURO: Está bem, obrigado. O senhor está dispensado.

JULIA: A Acusação tem alguma pergunta à testemunha?

PROMOTOR: Sim Meretíssimo.(O Promotor dirige-se até Orlando). Doutor Orlando. Quais eram suas relações com a / Senhora Peroti?

ORLANDO: Eu...eu...eu a amava Doutor.

PROMOTOR: O senhor a amava então? Ainda ama?

ORLANDO: Sim.

PROMOTOR: (Para o Juri) Senhores jurados, este homem não / serve como testemunha, pois confessou que sentia amor / pela acusada e poderia muito bem estar omitindo alguma / coisa.

MAURO: Protasto Meretíssimo.

JULIA: Indiferido.

PROMOTOR: Muito bem, nada mais a dizer, o Doutor Orlando / está dispensado.

JULIA: Mais alguma testemunha?

PROMOTOR: Sim. Eu gostaria de chamar o Comissário da Polícia / Maria da Silva Souza.

O COMISSÁRIO SOUZA ENTRA NA SALA, E FAZ O JURAMENTO.

PROMOTOR: O que aconteceu na manhã de 6 de novembro ultimo?

COMISSÁRIO: Claro. Eu estava tomando meu café, quando o tele / fone tocou, atendi e no outro lado da linha um vo. / da mulher, falava de um certo assassinato na Rua do / Parque, quando li perguntei quem era, ela apenas dis / se que era uma amiga da Polícia. Dirigi-me então até / o local indicado pela voz. Lá encontrei a Senhora Pero / ti, chorando ao lado do corpo do arido. Assim que a pe / gamos ela alegou total inocência, mas as evidências / estavam claras, principalmente pelo faca, caída em um / canto, toda ensanguentada.

PROMOTOR: Sobre esta peça, o que apresentou a comparação / das impressões digitais?

COMISSÁRIO: Bem, ela combinavam com as da Senhora Peroti.



"A MORTE DE JOÃO PEROTI"
ATO II - CENA ÚNICA (Cont.)

- PROMOTOR: Está bem Comissário, O Senhor nos ajudou muito.
- COMISSÁRIO: Ora, eu apenas cumpri o meu dever.
- PROMOTOR: Muito obrigado, o Senhor está dispensado.
- JUIZ: A Defesa tem algo a perguntar?
- MAURO: Sim Meretíssimo. Senhor Comissário, O senhor / disse que a faca estava jogado num canto, ainda ensan- / guentada?
- COMISSÁRIO: Sim. Ex mesmo peguei a faca.
- MAURO: (Agora para a platéia) Senhores Membros do Juri. / Como explicam que a Senhora Fabretê disse ter visto a / faca na mão da Senhora Peroti e o Comissário visto a / faca ainda com o sangue da vítima?
- PROMOTOR: Protesto Meretíssimo. O que o Nobre Colega da / Defesa está tentando provar?
- JUIZ: Protesto concedido. Queir. se explicar por favor.
- MAURO: É simples. Isto indica que uma das testemunhas / está mentindo, concordam?
- JUIZ: É razoável. Prossiga.
- MAURO: O Comissário está dispensado, mas gostaria de cha- / mar a Senhora Tânia Oliveira Peroti.
- TÂNIA COLOCA-SE NO BANCO DAS TESTEMUNHAS. / PRESTA JURAMENTO.
- MAURO: Senhora Peroti, o que a Senhora acha do Doutor Ø / Orlando?
- TÂNIA: Oh! Ele é uma pessoa muito boa. Era ele que mais / me amparava, nos meus momentos de depressão.
- MAURO: A Senhora sabia que ele tem certo afeto pela Se- / nhora?
- TÂNIA: Ele nunca me falou nada abertamente, mas eu descon- / fiava e me fazia de desentendida, pois ainda amava meu / marido.
- MAURO: A Senhora se declara Inocente ou Culpada?
- TÂNIA: Inocente.



fla.13

"A MORTE DE JOÃO PEROTI"

ATO II - CENA ÚNICA (Cont.)

MAURO: Obrigado Senhora Peroti.

JULIA: A Promotoria tem algo a indagar?

PROMOTOR: Não Meretíssimo.

MAURO: Meretíssimo. Gostaria de chamar a este Tribunal/
O Senhor Vilson Fabreti.

JULIA: Que Venha o Senhor Vilson Fabreti.

VILSON ENTRA E PRESTA O JURAMENTO.

MAURO: Pelas minhas investigações, descobri que o Senhor
e João tinham amado um pelo outro, visto que quase/
sempre andavam juntos. Pergunto eu: Porque o Senhor /
não saiu em socorro de seu amigo naquela noite?

VILSON: Bem eu...

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-024

MAURO: O Senhor teve medo Senhor Fabreti.

PROMOTOR: Protesto. A Defesa está conduzindo as respostas/
da testemunha.

JULIA: Concedido.

MAURO: Queira responder a minha pergunta por favor.

VILSON: Está bem, eu realmente tive medo.

MAURO: Certo, certo. Não precisa se exaltar. Sobre Tânia
o que João lhe falava?

VILSON: Bem, certa vez ele disse-me que sentia um certo/
medo de Tânia, pois, quando começava alguma crise ela
voltava-se contra ele, certo dia chegou a arranhar-lhe
a face.

MAURO: Está bem, muito Obrigado. (Agora para a Platéia)/
Senhores Membros do Juri, poro que absolvam esta po -
bre mulher. Ela não tinha nenhuma razão para matar /
seu marido, confessando agora mesmo que ainda o amava.
Uma mulher que ama não seria capaz de assassinar a san -
gue frio seu marido.

JULIA: (Depois deu um curto espaço de tempo) A Promoto -
ria queira se pronunciar por favor.

segue fla.14



fla.14

"A MORTE DE JOÃO PEROTI"
ATO II - CENA ÚNICA (Cont.)

PROMOTOR: Senhores Membros do Juri. Está completamente pro
vado que esta mulher assassinou seu marido, inclusive
suas impressões digitais estão na arma do crime. Porém
so peço que proclamem esta mulher culpada.

JURI: Este Tribunal fica suspenso por tempo indefinido
até que os Membros do Juri dêem o veredito final.

APAFAN-SE AS LIZES POR CURTO ESPAÇO DE TEMPO.
UM HOMEM QUE ESTÁ SENTADO NA PLATEIA, LEVANTA-SE E FA
LA EM VOZ ALTA.

HOMEM: Este Tribunal, baseado nas declarações das Teste
munhas que aqui deporaram, declara a acusada: Tânia Oli
veira Peroti, Culpada de Homicídio em 1º Grau.

TÂNIA PÕE AS MÃOS NO ROSTO E COMEÇA A CHORAR.

Fim Do Ato III

"A MORTE DE JOÃO PEROTI"

EPILOGO

MAURO E JAQUELINE CONVERSANDO EM SEU ESCRITÓRIO.

MAURO: Rápido vê fazer o que mandei.

JAQUELINE: Mas eu não entendo Doutor. O caso já foi encerra
do. O que eles vêm fazer aqui.

MAURO: Você ficará sabendo, à tempo. Quando eles chega -
rem mande-os entrar.

JAQUELINE SAI E MAURO PEGA UM PEQUENO GRAVADOR E DEI-
XA-O MAIS OU MENOS A VISTA, LIGADO.
JAQUELINE ENTRA TOVEMENTE NA SALA.

JAQUELINE: Eles estão aqui Doutor.

MAURO: Certo. Traga-os para cá.
JAQUELINE FAZ UM SINAL COM A MÃO, ENTRAM ORLANDO, VIL
SON E MARLI.

MAURO: Boa Tarde. Como que todos estão ansiosos para /
saber o motivo de estarem aqui.

MARLI: Sim. Todos estamos curiosos.

segue fla.15



fla.15

"A MORTE DE JOÃO PEROTTI"
EPÍLOGO (Cont.)

MAURO: Bem, descobri isto entre os pertences de João Perotti. (Mostrou um pequeno pedaço de papel). Isto é um número de caixa postal. Descobri isto, porque também tenho uma. Não foi difícil achar a chave. Para encerrar o assunto encontrei esta carta deixada por João / um dia antes de falecer.

VILSON: Certo, mas o que tem isto a ver conosco?

MAURO: Acontece que aqui está o nome do assassino.

ORLANDO: Chega Doutor. Ficou provado que Tãia matou João e o caso está encerrado.

MAURO: Como eu ia dizendo, aqui está o nome do assassino em código e o nome de um livro que aborda a espionagem da Segunda Guerra Mundial.

MARLI: Muito engehoso. Mas porque não entrega isto à Polícia?

MAURO: Porque ainda não sei o nome, pois vou decifrá-lo agora.

MAURO PEGA O LIVRO DE CÓDIGOS E O PAPEL. COMEÇA A DESEMPENHAR. NESTE MOMENTO MARLI TIRA UMA ANGA DA BOLSA E GRITA:

MARLI: Pare aí mesmo Doutor. Não vai decifrar isto.

MAURO: Então foram vocês dois?

MARLI: Claro. João estava atrapalhando nossos planos. / Tínhamos uma organização de drogas e ele ameaçou contar tudo à Polícia. Aos realmente, passamos naquela tarde dia cinco de novembro, aproveitamos a oportunidade de Wanda entrar em crise para matá-lo.

Vilson, Procure por aí veja se encontra um gravador.

VILSON: Está aqui, e funcionando.

MARLI: Muito bem, tire a fita e traga-a aqui.

VILSON PEGO O QUE ELA MANDOU.

MARLI: E agora Doutor, vou ter que matá-lo.

OUVEM-SE A VOZ DO COMISSÁRIO.

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



"A MORTE DE JOÃO PEROTTI"

EPÍLOGO (Cont.)

COMISSÁRIO: Não, não vai não. (O Comissário entra com a arma)

MARCEI: Seu porco imundo, traidor, seu filho da P...
Aposto que não há nada neste papel. *Corte*

MAURO: Isto mesmo.

COMISSÁRIO: Vamos, vamos indo seus crápulas.

SABEM TODOS, ORLANDO FICA PARADO PARA VER O QUE DIZIA/ MAURO DE TUDO ISTO. ESTE APENAS OLHA-O E DÁ DE OMBROS. ORLANDO VIRA A D COSTAS E VAI SEBORA.

JAQUELINE: Se era só isso, porque não me contou antes?

MAURO: Você poderia estragar tudo. Mas ao trabalho, com toda esta confusão até esquecemos do desquite da / Senhora Alves, que a essa altura já deve ter se re - conciliado com o marido.

AMBOS DÃO GOSTOSAS GARGALHADAS.

FIM

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025